Terceira Ponte afugenta os ricos da Praia do Canto

AN19770

Rita Tristão

Vitória ainda não teve oportunidade de experimentar o lado ruim e nem bom da Terceira Ponte, situações que começarão a surgir dentro de alguns dias. Os moradores da Praia do Canto, indiscutivelmente, serão os mais prejudicados com as obras e o funcionamento da nova ligação entre a ilha e o continente. A praça Cristovão Jacques, na praia de Santa Helena, se transformará em três, pondo fim à quadra de tênis. Algumas ruas, hoje essencialmente residenciais, perderão esta característica cedendo lugar ao forte comércio que surgirá no local. Os acessos principais à terceira ponte por Vitória — que se darão pelas ruas Duckla de Aguiar, Almirante Soído, Eurico Aguiar e Desembargador Sampaio vão interferir diretamente no sistema viário do bairro, alterando o sentido de algumas ruas e avenidas — como a Desembargador Santos Neves que passa a ter mão única modificando o comportamento de outras. Com a transformação prevista para a região, os ricos que ainda insistem em morar na Praia do Canto serão expulsos da área tendo que procurar outros cantos para novas opções de moradia.

Projetada no governo de Élcio Álvares — que deu início às obras antes que a ponte do Príncipe estivesse concluída, em 13 de novembro de 1976 — a terceira ponte — que até hoje não tem nome próprio — deverá ser entregue à população em 15 de fevereiro de 1987, conforme garantia do presidente da Companhia de Exploração da Terceira Ponte (Ceterpo), João Luís Tovar. Moradores de Vitória e Vila Velha, no entanto, não acreditam nesta possibilidade, "afinal restam ainda muitos serviços a serem realizados", assinalou Luís Martins, da Praia do Canto.

João Luís Tovar esclarece que nem todo o projeto da terceira ponte que inclui a parte de acessos terá condições de ser executado no atual governo. "Vamos executar um programa mínimo de serviços essenciais ao funcionamento da ligação Vitória-Vila Velha", disse. Quanto ao sistema viário dos dois municípios, o presidente da Ceterpo disse que foi assinado com os prefeitos de Vitória e Vila Velha um termo de compromisso, onde são definidas as responsabilidades de cada órgão. "A Ceterpo não pode fazer tudo como eles querem", desabafou.

Apenas a Prefeitura de Vila Velha possui um levantamento sobre as necessidades do município de se preparar para receber a terceira ponte, principalmente no que diz respeito ao sistema viário da cidade. "Nós precisamos de Cz$ 25 milhões para executar toda a obra de infra-estrutura. Não dispomos deste dinheiro, mas já estamos em contato com a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EBTU) no sentido de viabilizar parte da verba e dar início aos trabalhos", explicou a assessora de Planejamento da PMVV, Irene Léia.

O comportamento do secretário de Planejamento da Prefeitura de Vitória, José Luís Kfuri, é bem diferente. Para ele, nem sempre o que se planeja acontece, portanto, não justifica elaborar agora um projeto de melhorias urbanas para receber a terceira ponte. "As obras serão executadas à medida que as necessidades e os problemas forem surgindo. Não sei se os problemas que vão surgir advindos da terceira ponte serão assim tão grandes. O fundamental é ressuscitar o

entanto, a cidade está experimentando os prejuízos. "O município não está preparado para receber a ponte. O canal da Costa precisa ser revestido, pois os pilares instalados no seu interior interferem no fluxo normal das águas provocando inundações, como aconteceu no final do mês passado", informou a assessora de planejamento da PMVV. Para os moradores de Vila Velha, segundo Irene Léia, os acessos da segunda ponte são mais importantes que a conclusão das obras da terceira ponte.

Basicamente todos os imóveis de Vila Velha, localizados na parte sul do município e litoral, quadruplicaram de valor. Mas aqueles que se encontram bem próximo à terceira ponte foram desvalorizados. Não existe comprador para uma casa que fica debaixo da ponte e à beira do valão. Além do mais, muitos desses imóveis já estão apresentando rachaduras e vazamentos, como a residência de Luís Gastaldelli. "Sei que não seremos indenizados do prejuízo que estamos sofrendo, para minimizar os efeitos negativos, eles deveriam, pelo menos, cobrir o canal", disse o morador.

Luís Gastaldelli como Ana Amélia Rodrigues estão bastante preocupados com os muros de proteção da ponte. Na opinião deles são muito baixos e não oferecem qualquer segurança: Qualquer batida de carro na ponte, a gente corre o risco de se surpreender com um carro caído no quintal", disse a moradora, que já se acostumou com o barulho provocado pelo trabalho dos operários.

Terceira ponte não é só prejuízo. Além de facilitar o trânsito e o acesso a Vitória e toda a parte sul de Vila Velha, o projeto serviu para valorizar os imóveis da região. Antes do reinício das obras, um terreno na Praia da Costa custava um terço do valor de um outro terreno, nas mesmas proporções, instalado na Praia do Canto. "Hoje eles custam a mesma coisa", disse o presidente do Sindicato da Indústria e Construção Civil (Sindicom), João Luís Tovar.

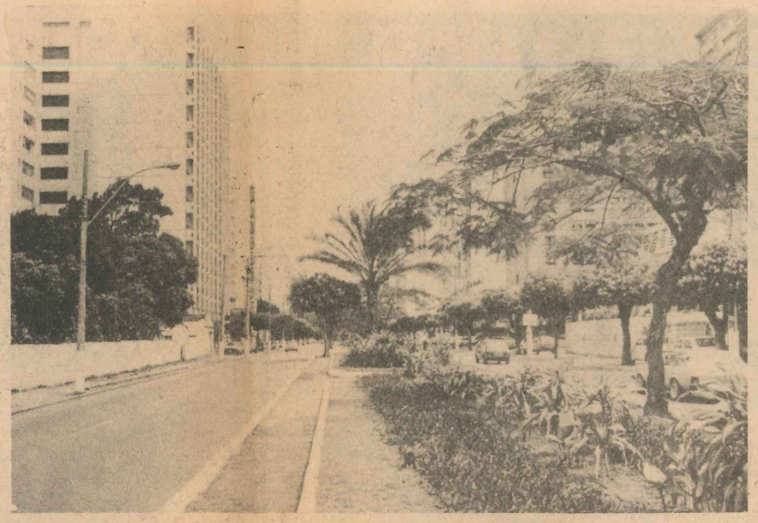
Com as obras da terceira ponte, o mercado de imóveis em Vila Velha disparou, atrelado, também, a Plano Cruzado, conforme observa o proprietário da imobiliária Costa Rica, Rodolfo Castro. "Muita gente não admitia morar em Vila Velha, hoje estão procurando casa ou apartamento. Muitos compraram terrenos para especular", comentou o gerente-geral da Champagnat Imóveis, Augusto Niedeck. Um lote no litoral Sul sofreu uma valorização em torno de 500%, e muitas construções devem surgir daqui por diante, salientou o sócio-gerente da imobiliária Porto Azul, Marco Antonio Trés.

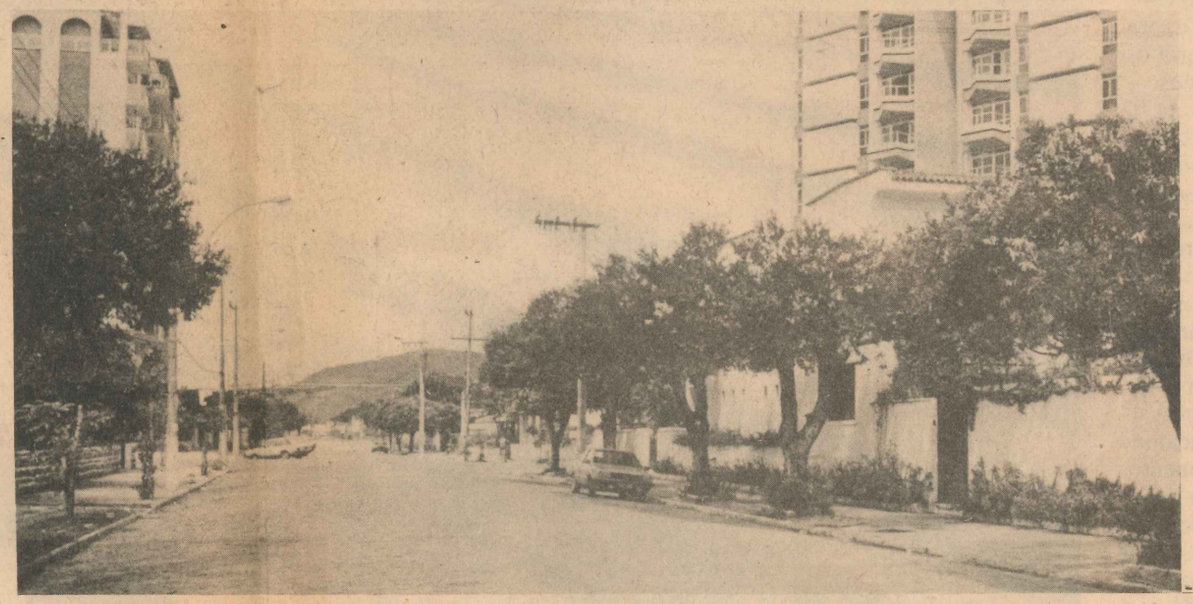
Vitória

Uma das propostas da terceira ponte é de facilitar o trajeto até Vitória desafogando o centro da capital, melhorando o sistema de transporte coletivo. Para o urbanista Carlos Feitosa Perim, isto não passa de uma desculpa. Assim que a ligação entrar em operação a tendência é o comércio da capital se expandir ainda mais em direção à região norte da cidade, acabando por transformar completamente as características residenciais da Praia do Canto.

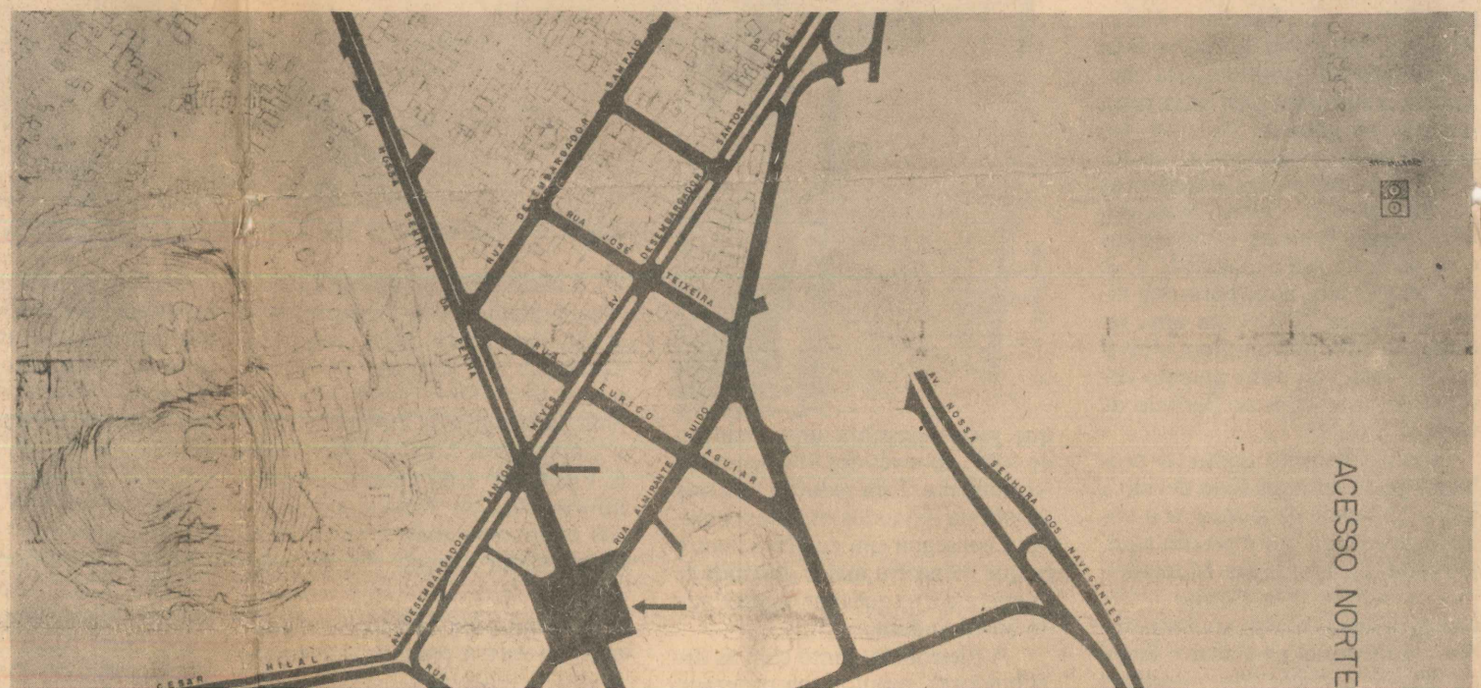
Pelo lado de Vitória, as ruas Duckla de Aguiar, Cristovão Jacques e Almirante Soído se constituem nas principais vias de acesso à terceira ponte transformando-se de residenciais em comerciais. A praça Cristovão Jacques será dividi-

Fotos de Gildo Loyola





No entroncamento da avenida Desembargador Santos Neves com a reta da Penha haverá um estrangulamento no tráfego, enquanto a praça Cristóvão Jacques será dividida em três e perderá a quadra de tênis — para compensar, a Prefeitura construirá mais duas no aterro da Comdusa, mas a idéia não agrada aos tenistas. A rua Duckla de Aguiar será, junto com a Almirante Soído e a Cristóvão Jacques, um dos principais acessos à terceira ponte pelo lado de Vitória



mento da Prefeitura de Vitória, José Luís Kfuri, é bem diferente. Para ele, nem sempre o que se planeja acontece, portanto, não justifica elaborar agora um projeto de melhorias urbanas para receber a terceira ponte. "As obras serão executadas à medida que as necessidades e os problemas forem surgindo. Não sei se os problemas que vão surgir advindos da terceira ponte serão assim tão grandes. O fundamental é ressuscitar o Conselho de Desenvolvimento Integrado da Grande Vitória (Codivit)", assinalou.

Por se desenvolver no município uma administração comunitária, onde todos os assuntos de interesse da cidade são discutidos com os moradores, os acessos pelo lado de Vila Velha foram amplamente debatidos com as comunidades, que decidiram pela melhor opção. Em Vitória, as populações a serem atingidas diretamente pelo projeto "sequer foram informadas sobre as intervenções a que estarão expostas. Mesmo desconhecendo a opinião dos moradores, Kfuri admite que Vitória está "quase preparada" para receber a terceira ligação entre a ilha e o continente". Para ele, o Plano Diretor Urbano (PDU) da capital evitará o crescimento desordenado.

Permanece em discussão quais as obras que serão de responsabilidade do governo estadual (Ceterpo) e das prefeituras para receberem o impacto da terceira ponte. Por enquanto, as discussões não ultrapassaram a esfera municipal. "Eles precisam se preocupar com as obras de apoio, fazer o levantamento dos recursos necessários e começar a andar atrás dos recursos", observou João Luís Tovar.

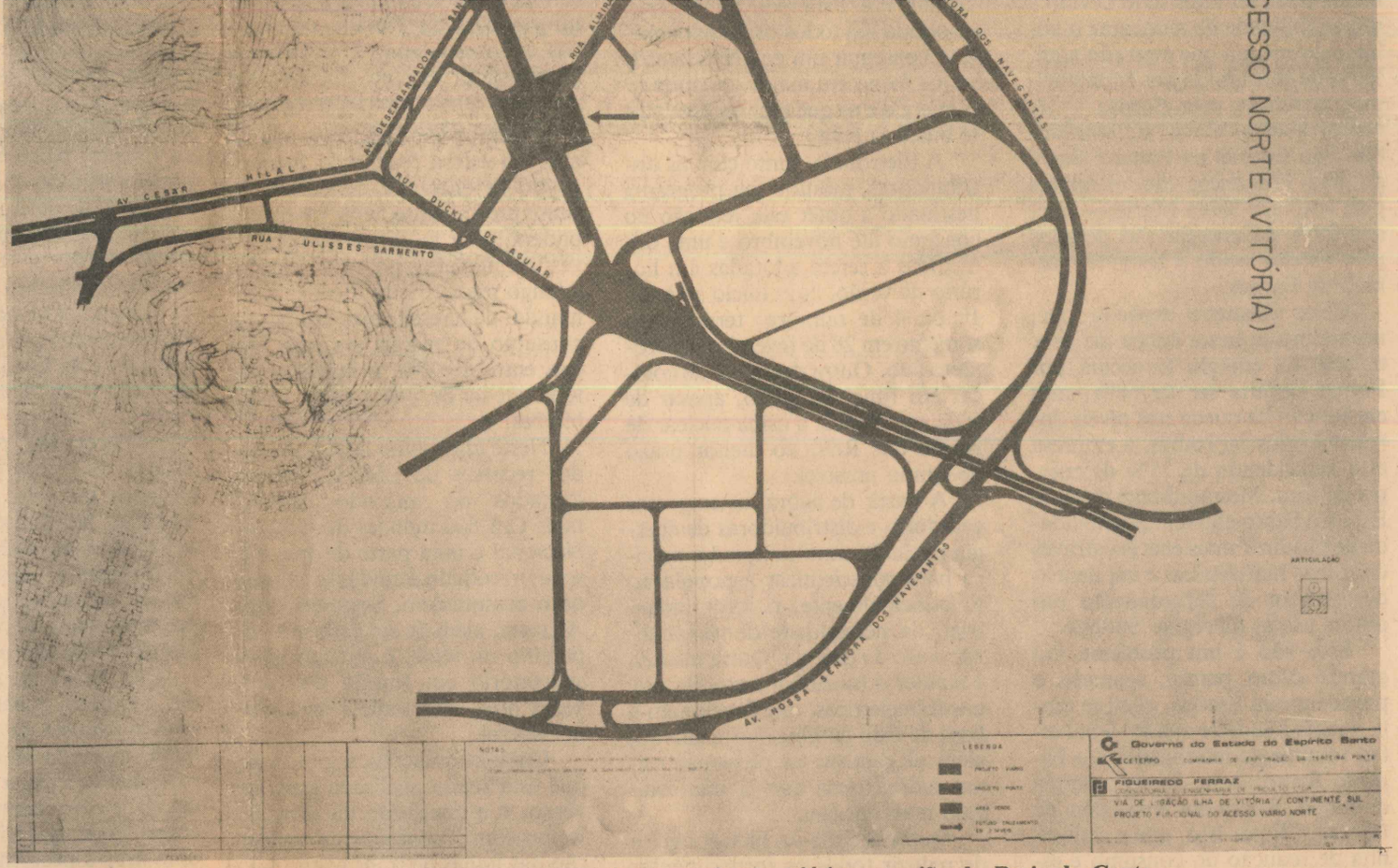
Vantagens

Vila Velha, inicialmente, receberá mais benefícios com a terceira ponte do que Vitória. No município da capital se expandirá ainda mais em direção à região norte da cidade, acabando por transformar completamente as características residenciais da Praia do Canto.

Pelo lado de Vitória, as ruas Duckla de Aguiar, Cristovão Jacques e Almirante Soído se constituem nas principais vias de acesso à terceira ponte transformando-se de residenciais em comerciais. A praça Cristovão Jacques será dividida em três, a parte de brinquedos se preservará, porém, a quadra de tênis vai desaparecer. Para substituir este espaço, segundo Kfuri, estão sendo construídas mais duas no aterro da Comdusa. Só que os tenistas não apóiam a iniciativa.

Segundo Tovar, alguns pontos críticos vão surgir assim que a terceira ponte entrar em operação. Trata-se do estrangulamento da avenida Desembargador Santos Neves com Nossa Senhora da Penha, que vai exigir uma passagem de nível; o cruzamento da Nossa Senhora da Penha com avenida Rio Branco e Rio Branco com Leitão da Silva. No sentido de facilitar o fluxo de veículos em direção à região norte, a Prefeitura de Vitória terá que construir uma nova ponte ligando a Praia do Canto à Jardim da Penha. "A Prefeitura já deveria estar avisando a população do que acontecerá no bairro desde 1978. Não temos outra solução", comentou o presidente da Ceterpo.

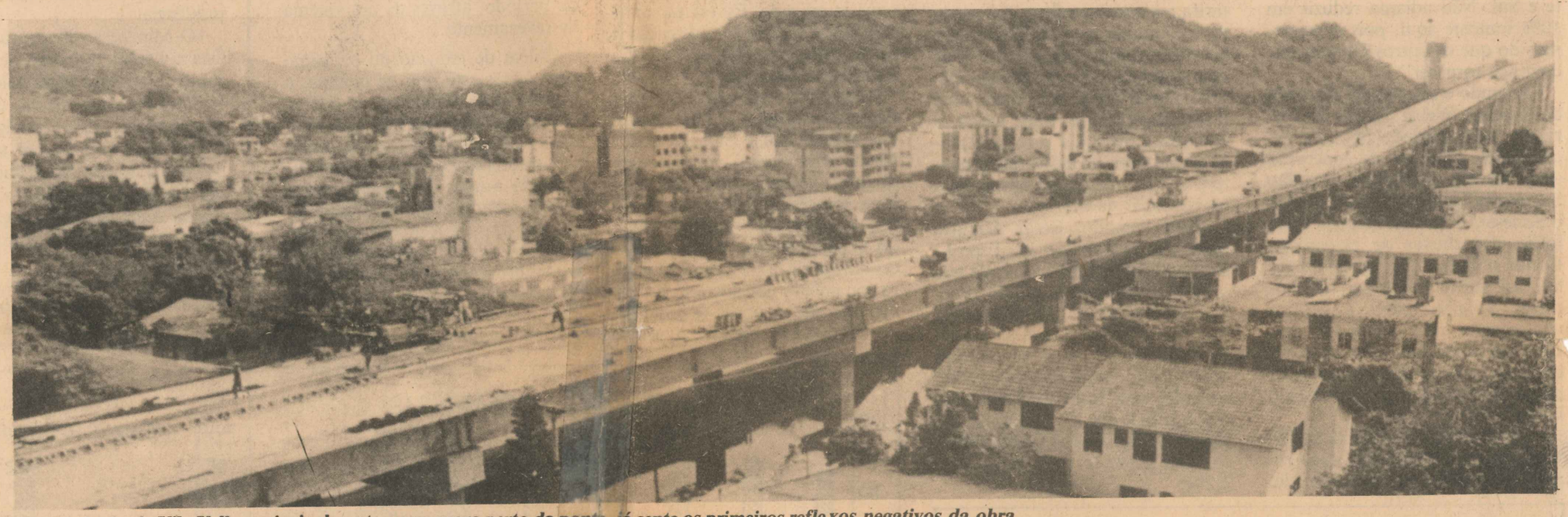
Em Vila Velha, os acessos da terceira ponte não interferem diretamente no sistema viário do município, pois ela passa por cima da avenida Champagnat, alterando o projeto inicial, seguindo em duas pistas marginais ao canal da Costa e valão Bigossi. A terceira ponte só se integra ao sistema viário de Vila Velha na altura das ruas Luciano das Neves e Antonio Ataíde. Mas quem se dirigir para o litoral não terá qualquer contato com as ruas de Vila Velha.



A Terceira Ponte vai resultar em grandes mudanças na rotina e no sistema viário na região da Praia do Canto

Foto de Nestor Muller

Problemas só vão terminar quando ficar tudo pronto



A população de Vila Velha, principalmente quem mora perto da ponte, já sente os primeiros reflexos negativos da obra

Vitória e Vila Velha não estão ainda urbanisticamente preparadas para receberem a terceira ponte. Enquanto não forem realizadas todas as obras de apoio, a nova ligação entre a ilha e o continente causará sérios transtornos. Em Vila Velha há uma certa euforia com a perspectiva de crescimento. Em Vitória a situação é de expectativa, embora a Prefeitura da capital já saiba que terá que fazer novos investimentos. Segundo o engenheiro e urbanista Carlos Feitosa Perim, do Instituto Jones dos Santos Neves, a ponte representa prejuízos e vantagens para a população dos dois municípios.

AG — Indiscutivelmente, a terceira ponte é uma obra bonita e que trará uma série de benefícios para a Grande Vitória. Mas afinal, quais serão os seus prejuízos? Você que foi sempre criticado por não saber ver a ponte, qual o seu posicionamento hoje sobre a obra?

Carlos Perim — As pessoas costumam dizer que eu não sei ver a ponte. Mas ela é uma obra bonita. Uma obra de engenharia enorme, belos cálculos de engenharia e vai oferecer uma bela paisagem. Além disso para alguns setores vai trazer dinheiro, proprietário de terra da área mais próxima além de valorizar toda a Costa Sul, principalmente por causa do crescimento habitacional. Este setor vai ficar mais próximo do centro de mercado de trabalho que está em Carapina. Norte é um setor típico de serviço e comércio. Para os moradores da Praia da Costa vai ser uma maravilha, que vai gastar agora cinco minutos para chegar a Vitória, só vai ter que pagar pedágio. O que sempre questionamos em relação a ponte não é a obra em ií mas muito mais a oportunidade de se fazer e a forma que foi encaminhada a sua criação. Na época tinha um estudo de transporte coletivo com o objetivo de resolver os inúmeros problemas do setor, que eram muitos. A população precisava de transporte coletivo e nada foi investido neste sentido, a não ser o aquaviário que depois, como opção, acabou sendo inviável. Na área de transporte coletivo Vitória nunca recebeu nada. Antes de acabar a segunda ponte iniciou-se a terceira, e todo o dinheiro do governo federal que se pedia para transporte urbano não tinha.

AG — Isto significa que o usuário do transporte coletivo, mesmo com a ponte continuará prejudcando, visto que ela só beneficiará diretamente os proprietários de carros e alguns proprietários de imóveis:

Carlos Perim — Assim mesmo a algumas pessoa que têm carro. A maior parte das pessoas que trafega Vitória a ponte não está no trajeto ainda não. Você pode fazer uma pesquisa de origem e destino de bairro para bairro, você verá que o trajeto da maioria das pessoas não passa pela ponte. Mas a ponte está aí. É importante se preocupar com ela. Ela vai trazer problemas. A terceira ponte vai exigir mais investimentos. Uma obra como esta envolve uma grande operação. Então demanda mais investimentos, tanto do lado de Vitória como Vila Velha. E a questão principal é como arrumar estes recursos? Então a ponte continua polêmica por causa disso.

AG — Finalmente, a terceira ponte trará mais problemas ou mais vantagens para as comunidades?

Carlos Perim — No caso de Vila Velha, enquanto as obras de apoio não forem executadas, haverá problemas. O município vai continuar sendo alagado por causa do canal que foi invadido pelos pilares da terceira ponte. O projeto de construção da terceira ponte previa um canal debaixo dela então ela caiu em cima de canal e deixou uma vala. Só que vala do canal era inclinado e a ponte fez ficar reto. Isto deve se resolver. A solução seria canalizado.

AG — A enchente de Vila Velha com as últimas chuvas foi devido a este problema?

Carlos Perim — Eu não tenho certeza, mas tudo indica. Nunca tinha havido enchente depois que limparam o canal. Na época das grandes chuvas de 1979, Vila Velha não foi atingida. Só depois que começaram a mexer no canal para execução das obras da terceira ponte a cidade começou a alagar com qualquer chuva. Isto, informação que tivemos do pessoal da prefeitura local.

AG — Vitória e Vila Velha, como grandes centros urbanos estavam preparados para receber uma obra como a da terceira ponte?

Carlos Perim — Não a ponte veio de cima para baixo. Como foi assim, as prefeituras aceitam a obra só que não têm dinheiro para investir ali, que não é responsabilidade da prefeitura, porque é muito caro. Os prefeitos têm que atender as comunidades. E por outro lado têm que resolver os problemas dos acessos. E como conseguir esses recursos? Isto vai implicar em redução de outras verbas para as comunidades.

AG — Quem se beneficiará mais com a ponte? Vitória ou Vila Velha? A capital não vai inchar ainda mais, aumentando o volume de carros na cidade?

Carlos Perim — É difícil. Toda a área próxima a ponte, do lado de Vitória, será beneficiada com instalação de serviços. É emprego. Mil coisas vão acontecer. É o que acreditamos que acontecerá. A terceira ponte não vai estragar a cidade, vai mudar função de determinados espaços e causar alguns transtornos nos lugares onde já está construído. Uma tendência que já vem se desenvolvendo. E parece que o povo da Praia do Canto já está se acostumando muito bem. Estão todos vendendo suas casas e comprando apartamentos lá em cima. O maior problema da ponte é que ela drena recursos que são muito mal-alocados dentro da realidade brasileira atual, que poderiam estar sendo utilizados em benefícios de muito mais gente.